

APRENDIZAGEM VISUAL: DESMEMBRAMENTOS DE UM ESTUDANTE SURDO NO ÂMBITO ESCOLAR

Yone Regina de Oliveira Silva ¹

RESUMO

Ao longo deste estudo, será possível observar os desmembramentos da aprendizagem de um estudante Surdo com estratégias visuais na escola. De posse disto, o objetivo geral deste trabalho consiste em apresentar as perspectivas que envolvem a aprendizagem visual de um estudante Surdo. A elaboração deste estudo é decorrente de uma produção acadêmica solicitada em sala de aula intitulada como desafio profissional. O desafio profissional é uma estratégia pedagógica que permite ao graduando articular o conteúdo curricular do semestre com uma possível situação empírica da vida profissional docente. A experiência ocorreu entre os meses de Julho a novembro do ano de 2016 no primeiro período da graduação de Pedagogia. As informações descritas derivam-se de anotações do diário de bordo de sala, artigos científicos, cartilhas e documentos oficiais do tema. Ressalta-se que neste cenário o educador se torna mediador de uma aprendizagem significativa e visual para o estudante Surdo. Por fim, destaca-se que as nuances deste processo de ensino aprendizagem pode se tornar positiva se o educar compreender a sinalização da LIBRAS como ato de protagonismo e ponte inclusiva para o estudante Surdo.

Palavras-chave: Aprendizagem, Escola, Estudantes, Surdos.

INTRODUÇÃO

Este estudo intitulado, Aprendizagem Visual: Desmembramentos de um Estudante Surdo no Âmbito Escolar abordará quatro perspectivas referentes ao processo de ensino aprendizagem de um estudante com surdez inserido na escola e seu engajamento social. De posse disto, na primeira seção haverá uma explanação sobre as habilidades e competências de um tradutor/intérprete de LIBRAS dentro da sala de aula. Como também, será apresentado brevemente o contexto laboral deste profissional em território nacional.

Na segunda seção, haverá uma breve contextualização da teoria behaviorista e suas contribuições para uma possível intervenção pedagógica neste contexto. Afirma-se que ao utilizar a teoria de Skinner para solucionar problemáticas comportamentais, indica-se a retirada de um estímulo causador modelando o comportamento dos discentes com instruções e reforços adequados em prol da mudança comportamental. Se tratando de estudantes surdos, infere-se a

¹ Terapeuta Ocupacional. Pedagoga. Pós graduada em Educação Especial e inclusiva. Professora Intérprete de LIBRAS da Secretaria de Educação de Pernambuco –PE, yone.oliveira04@gmail.com

necessidade de propiciar um espaço de pertencimento a sua identidade, o qual possibilite aquisição de duas línguas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa.

Em seguida na terceira perspectiva, serão problematizados alguns impactos educacionais da metodologia bilíngue para estudantes surdos. Logo, se propõe à Libras como primeira língua (L1), e como referência de língua oral auditiva será o português (L2), ambas como independentes embora complementares. Estes aspectos serão pontuados corresponsabilizando a comunidade escolar, discernindo que a pessoa surda percebe e interage com o mundo de modo visual, diferentemente de um ouvinte, o qual utiliza o canal oral auditivo.

No último ponto, serão expostas estratégias que educador pode adotar em sua comunidade escolar em prol do engajamento no processo de ensino e aprendizagem de discentes surdos, como também refletir sobre a inserção social deste segmento populacional. Assim, infere-se a necessidade de propiciar a identificação dos surdos através de manifestações culturais, principalmente através experiências visuais.

Posteriormente, serão pontuadas as considerações resultantes das problematizações dos temas abordados, como: o papel do intérprete educacional; compreensão behaviorista no comportamento do estudante Surdo; perspectiva bilíngue de ensino e finalizando este estudo propõe-se um alerta aos educadores de estudantes Surdos.

DESMEMBRAMENTOS PROFISSIONAIS DE UM INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL

A oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como segunda língua no cenário brasileiro é algo recente. Uma vez que este marco legislativo para a comunidade surda ocorreu em 24 de abril de 2002, através da lei 10.436 regulamentada pelo decreto-lei 5.626 proposto em 22 de dezembro de 2005. Por conseguinte, tais legados políticos foram fundamentais para o reconhecimento de uma profissão pouco conhecida nacionalmente, o profissional tradutor Intérprete de Libras (BRASIL, 2002); (BRASIL, 2005).

Este profissional tem sua função respaldada pelo decreto 5.626, nos artigos 17 e 18 propõe -se que a formação do tradutor e intérprete de Libras-Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa ou em nível médio por meio de cursos de educação profissional, extensão universitária, cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação (BRASIL, 2005)

Pesquisas apontam que o Brasil possui um atraso histórico no processo de inclusão social das pessoas surdas concomitantemente no reconhecimento profissional do intérprete de Libras. Tal fato pode ser exemplificado, sob a contribuição teórica de (Stewart, et al, 1998),

onde torna-se notório a significativa disparidade da realidade brasileira ao contexto estadunidense que na década de 80 já contabiliza-se 2200 intérpretes de Língua de Sinais no âmbito escolar no níveis de educação elementar e do ensino secundário.

É importante ressaltar que o tradutor intérprete de Libras, pode exercer sua função de mediador da comunicação entre surdos e ouvintes em diferentes espaços sociais, como instituições religiosas, plenários, teatros, excursões turísticas, hospitais, e no âmbito educacional. Este último campo de atuação, será palco das presentes discussões: Quem leciona para um estudante Surdo é o intérprete ou o educador? Qual o verídico papel de ambos no processo de ensino aprendizagem na sala de aula?

De modo a responder os questionamentos acima, a autora Quadros 2004, discorre que:

nos níveis mais iniciais, o intérprete estará diante de crianças. Há uma série de implicações geradas a partir disso. Crianças têm dificuldades em compreender a função do intérprete puramente como uma pessoa mediadora da relação entre o professor e o aluno. A criança surda tende a estabelecer o vínculo com quem lhe dirige o olhar. No caso, o intérprete é aquele que estabelece essa relação e acaba que a criança fica sem referência (QUADROS, 2004)

Por conseguinte, para solucionar a problemática acima se inferi a necessidade de escolas bilíngues nos anos iniciais, pois esta metodologia de ensino conta a presença de professores bilíngues, os quais se tornam responsáveis para aquisição da LIBRAS e do português. É importante ressaltar esta proposta educacional, modifica o paradigma que a criança surda vivência ao encontrar barreiras comunicacionais desde a primeira instituição (família), possibilitando um processo de ensino aprendizagem compatível com sua demanda.

De posse disto, é relevante discernir que no contexto da sala de aula, faz necessário uma relação de parceria entre educador e intérprete, proporcionando estratégias mais adequadas às especificidades destes estudantes através de aulas mais expositivas, negociação de conteúdos com o professor, discussão de dúvidas, permissão para indagações do estudante. Busca-se a erradicação do incômodo que alguns professores possuem com a presença de intérprete em sala de aula, como também desmitificar que o rendimento do estudante surdo depende totalmente do intérprete / tradutor .

Sabe-se que em território nacional brasileiro há carência bastante expressiva de intérpretes educacionais, o que corrobora para um espaço de sobrecarga mental, cognitiva e física atrelada a rotulações para estes profissionais. Logo, torna-se fundamental entender o referido intérprete/tradutor é uma pessoa com limitações, que não domina todas as aéreas (disciplinas) do conhecimento, como um parceiro no processo de ensino aprendizagem dos estudantes surdos.

Por fim, destaca-se a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p.08), a qual discorre que o papel do intérprete educacional é possibilitar “o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais”. Logo, é de sua competência não só auxiliar os estudantes surdos, entretanto esta habilidade profissional é muito ampla e desconhecida por um número significativo de intérpretes.

METODOLOGIA

Enquanto procedimentos metodológicos deste estudo, será possível observar os desmembramentos da aprendizagem de um estudante Surdo com estratégias visuais na escola. Por conseguinte, o objetivo geral deste trabalho consiste em apresentar as perspectivas que envolvem a aprendizagem visual de um estudante Surdo. De posse disto, ressalta-se que a elaboração deste estudo é decorrente de uma produção acadêmica solicitada em sala de aula intitulada como desafio profissional. O desafio profissional é uma estratégia pedagógica que permite ao graduando articular o conteúdo curricular do semestre com uma possível situação empírica da vida profissional docente. A experiência ocorreu entre os meses de Julho a novembro do ano de 2016 no primeiro período da graduação de Pedagogia. As informações descritas derivam-se de anotações do diário de bordo de sala, artigos científicos, cartilhas e documentos oficiais do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOB A LUZ DA TEORIA BEHAVIORISTA

No século XX, ocorreu a expansão de novos conhecimentos na área da psicologia científica, entre eles o presente estudo abordará o Behaviorismo. Esta corrente do conhecimento, é também denominada teoria comportamental, proposta por Watson que ocasionou grandes repercussões nos Estados Unidos. Uma vez que, a aplicação dos seus princípios refere-se ao fator psicológico, como algo concreto a partir do comportamento (Behavior) (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Por conseguinte, sob a perspectiva funcionalista de cunho behaviorista, percebe-se que a atitude de estudantes pode ser respondente aos seus aspectos hereditários, às variáveis provocadas pelo meio escolar não adequado para o estudante, reforçando a repetição de suas ações. Ao discutir o comportamento sob o ponto de vista do behaviorismo radical, o qual

proposto por Skinner em 1945, inferi-se um novo conceito, o comportamento operante. Este último desmembramento, segundo Keller apud Bock, Furtado, Teixeira 2002, “inclui todos os movimentos do organismo dos quais se possa dizer que em algum momento, tem efeito sobre ou fazem algo ao mundo em redor”.

De posse disto, com a contribuição teórica de Skinner percebe-se que na maioria das vezes estudantes não engajados no âmbito escolar pode está atrelado ao sentimento de não pertencimento do contexto, implicando um prejuízo no aproveitamento de conteúdos destes estudantes presentes na sala e fora dela, bem como uma desestabilização e desgaste emocional de toda equipe educacional.

Com intuito de reverter a problemática apresentada com estas demandas, utiliza-se à retirada de um estímulo em prol da mudança de um comportamento, transforma-se o meio causador através da modelação do comportamento dos discentes com instruções e reforços adequados. Se observado estes fatores em sala com estudantes surdos, sugere-se como proposta pedagógica que as escolas atuem com cautela, pois ações abusivas só reforçam o mal comportamento e contribuem prejuízos no aprendizado e meios de esquivas, como o atraso na chegada das aulas, desinteresse nas matérias, desmotivando a criatividade e o interesse do mesmo. Logo, um pedagogo em sua essência age como facilitador de conflitos, analisará tais aspectos e chamará o estudantes para uma conversa em particular, e em seguida sua família para entender todo o processo. Por fim, o professor criará um ambiente de pertencimento para o aprendizado da Libras e do Português, estimulando o interesse dos seus educandos através estratégias mais expositivas, como jogos de memória para aprender expressões numéricas.

IMPACTOS EDUCACIONAIS DE ESCOLAS BILÍNGUES PARA ESTUDANTES SURDOS

Atualmente, no âmbito educacional está sendo difundida a implantação de escolas bilíngues para pessoas surdas. Tal fato é resultado de uma grande mobilização da comunidade surda, como também uma crescente preocupação de profissionais da área da educação. Por conseguinte, segundo Fernandes 2003, a metodologia educativa do bilinguismo propõe “à aquisição, pelos sujeitos, de duas ou mais línguas naturais, em situação de complementaridade, com status e funções diferenciadas, a depender das variadas situações de interação em que as mesmas estiverem envolvidas” .

Logo, escolas que adotam a proposta do ensino bilíngue, se preocupam que seus estudantes, principalmente os surdos terão a Libras como primeira língua (L1), e como referência de língua oral auditiva será o português (L2). Geralmente é discutido que o primeiro contato do estudante Surdo com a língua portuguesa se dá na escola com o aprendizado da

escrita, a qual também funciona de ferramenta de significado para o entendimento da sua primeira língua.

Neste contexto, é fundamental que a comunidade escolar, leve em conta que a pessoa surda percebe e interage com o mundo de modo visual, diferentemente de um ouvinte, o qual utiliza o canal oral auditivo. Logo, a adoção de estratégias de ensino e aprendizagem do português terá as especificidades de cada público. Corroborando a problemática apresentada, a autora Quadros 2006, afirma que no período de alfabetização o surdo passa por esses níveis: concreto; desenho; desenho–palavra escrita; alfabeto manual – sinal; alfabeto manual – palavra escrita; palavra escrita no texto, os quais devem ser vistos como fundamentais para o aprendizado do português como segunda língua.

Sobre os pontos abordados ainda por Quadros 2006, neste estudo destaca-se que a existência do alfabeto manual (datilológico), representa uma relação visual com as letras usadas na escrita do português, constituindo assim um elo entre a Libras e o português, ou seja, a porta de entrada do educador com o aluno Surdo. Assim, afirma-se que nas escolas bilíngues, principalmente nos anos iniciais o professor terá que ter conhecimento das duas línguas, propiciando uma referência didática e emocional, como também um reforço à identidade e pertencimento cultural do estudante.

METODOLOGIA VISUAL: INTERAÇÃO COM O MUNDO ATRAVÉS DOS OLHOS

Ao partir da perspectiva que Língua Brasileira de Sinais, Libras, é uma “forma de comunicação e expressão, dotada de um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, transmite ideias e fatos, de qualquer contexto na comunidade de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002). Inferi-se que a pessoa surda percebe e interage com o mundo de modo visual, cabendo assim a comunidade escolar junto aos docentes considerarem este aspecto como imprescindível na construção do plano de aula e todas as ações, as quais possibilitem a inserção escolar e acessibilidade atitudinal.

Diante do exposto acima, retoma-se a contribuição de Quadros, 2006 quando discorre que os surdos, são

“pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais (QUADROS, 2006)

De posse do contexto abordado, reitera-se a necessidade de ações/atividades de natureza visual, e indica-se como propostas pedagógicas: um dia de sensibilização profissional, como

também curso de capacitação para todos os funcionários se comunicarem de forma básica não só com o estudante da escola, mas com qualquer pessoa relacionada à comunidade escolar (pais, professores, novos alunos, funcionários); formação de multiplicadores sociais reforçando a relevância do social no processo de ensino aprendizagem defendido por Vygotsky. Organização da Semana da pessoa com deficiência; a cada dia seria apresentada uma curiosidade ou dica para um bom relacionamento. Indica-se para o reforço do aprendizado colar o alfabeto manual na agenda para os estudantes possibilitando exercitar o conteúdo.

Do ponto de vista físico da escola, sugere-se expor um cartaz com o alfabeto datilológico na parede de um ambiente, o sinal em Libras em alguns espaços como na porta dos banheiros feminino e masculino, na secretaria entre outros espaços possibilitando um reforço ao aprendizado e fortalecimento ao sentimento de pertencimento do estudante dentro desta instituição. A fim de obter êxito nestas ações é de fundamental importância mobilizar a primeira instituição dos discentes, a família. Estabelecendo uma relação parceira recomenda-se realizar o convite a outras mães e profissionais para ministrar depoimentos sobre suas vivências e trocar informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o contexto abordado, pode-se afirmar que os intérpretes presentes no âmbito educacional são parceiros no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos. Uma vez que, a formação destes profissionais constrói uma ponte na comunicação entre surdos e ouvintes. No entanto, estudos apontam uma realidade deturpada acerca do seu papel quando se alega que a autonomia e conhecimento de um educador são inferiorizados na presença de um intérprete em sala de aula.

Por conseguinte, de modo a garantir a quebra de preconceitos e estereótipos faz necessário um aumento de pesquisas qualitativas, a fim de entender melhor os desmembramentos do tema sobre quem é o intérprete, a pessoa surda na sociedade e como ela se sente frente às dificuldades para se constituir como sujeito em formação de identidade pessoal, profissional e social. Assim, é notório que adotar em uma escola bilíngue vai além de inserir o ensino da Libras como primeira língua o português como segunda língua, uma vez que acreditar nesta metodologia é respeitar o processo sócio histórico vivenciado pelo segmento populacional das pessoas surdas, é propiciar o desenvolvimento de uma identidade.

Por fim, um educador que entende todo esse contexto arraigado de preconceitos, influenciado por uma ouvintização em massa em prol do padrão da “normalidade”, ele consegue ressignificar seu fazer profissional, adota estratégias mais visuais no plano de atividades,

promove a participação da comunidade escolar, torna-se uma referência de suporte emocional e didático para o estudante Surdo possibilitando a este último o protagonismo no processo de ensino- aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARROS, Jozibel Pereira; HORA, Mariana Marques da Hora. Pessoas Surdas: Direitos, Políticas Sociais e Serviço Social. Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

BAUMAN, Zygmunt, 1925. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar.Ed.2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

BRASIL.. Lei 10.436 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL, Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BOCK, AMB; FURTADO O, TEIXEIRA MLT. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13ª. ed. reform. ampl. São Paulo: Saraiva; 2002.

DA SILVA, Anderson Tavares Correia; JÚNIOR, Márcio Ribeiro Macedo; DE LIMA, Francisco José. O Intérprete De Língua Brasileira De Sinais No Ensino Fundamental E Seu Papel Na Escola Comum. Sd.

FERNANDES, S.F. Educação Bilingue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. 2003. 202f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. Curso de Didática Geral. São Paulo: Ática, 2006.

MARCON, Andréia Mendiola. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

QUADROS, R. M. de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Brasília: MEC/SEE, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. Idéias para ensinar português para alunos surdos / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília : MEC, SEESP, 2006.



SALLES, ET all. Ensino de língua portuguesa para surdos : caminhos para a prática pedagógica. Brasília : MEC, SEESP, 2004.